



ENCONTROS, MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS

*tecendo histórias
por meio das Letras*



Campus Universitário
do Tocantins/Cametá
UFPA

ENCONTROS, MEMÓRIAS E PERSPECTIVAS:
TECENDO HISTÓRIAS POR MEIO DAS LETRAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva

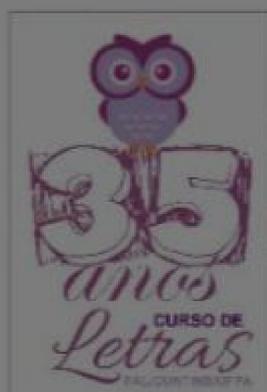
Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Marília de Nazaré de O. Ferreira



CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ

Coordenadora: Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares

Vice-Coordenador: Eraldo Souza do Carmo



FACULDADE DE LINGUAGEM LÍNGUA PORTUGUESA

Diretor: Luis de Nazaré Viana Valente

Vice-Diretora: Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa

COMISSÃO CIENTÍFICA

Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa

Ivone dos Santos Veloso

Jorge Domingues Lopes

Larissa Costa Arrais

Luis de Nazaré Viana Valente

Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares

Raquel Maria da Silva Costa Furtado

Encontros, memórias e perspectivas: *tecendo histórias por meio das Letras*

Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa

Larissa Costa Arrais

Luis de Nazaré Viana Valente

Organizadores



Campus Universitário do
Tocantins/Cametá-UFPA

Todos os textos deste livro estão sob a licença
Creative Commons - Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

Os conteúdos e as opiniões emitidas nos textos deste livro são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

Normalização
Faculdade de Linguagem Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária “Salomão Larêdo” / CUNTINS

E56e Encontros, memórias e perspectivas [recurso eletrônico] : tecendo histórias por meio das Letras / organizado por Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa, Larissa Costa Arrais, Luis de Nazaré Viana Valente. _ Cametá: UFPA/CUNTINS, 2023. 203 p. : il.

Formato: PDF
Requisito do sistema: Leitor de PDF
Inclui bibliografias

ISBN 978-65-88140-14-7

1. Universidade Federal do Pará. Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Faculdade de Linguagem / Língua Portuguesa - História. 2. Educação superior – Pará – História. I. Sousa, Benedita Maria do Socorro Campos de, org. II. Arrais, Larissa Costa, org. III. Valente, Luis de Nazaré Viana, org.

CDD 23. ed. – 378.8115

Elaborado por Éder Antônio Sousa Ferreira – CRB-2/1276

Faculdade de Linguagem Língua Portuguesa (FAL/Campus de Cametá-UFPA)
Trav. Pe. Antônio Franco, 2617, Bairro do Matinha
CEP 68400-000 Cametá-PA, Brasil

faculdadelinguagem@ufpa.br

Apresentação

A presente coletânea resulta do terceiro Encontro de Letras de Cametá – III ENCLET – e consubstancia a produção acadêmico-científica da Faculdade de Linguagem/Língua Portuguesa no seu aniversário de 35 anos de existência no baixo Tocantins, comemorado em 2022. É constituída por textos que tratam do fazer literário, linguístico e de ensino-aprendizagem, com temáticas representativas das nossas ações na sala de aula e de pesquisas realizadas em parceria com nossos alunos.

Este evento foi criado como um meio de dar visibilidade aos nossos fazeres acadêmicos, assim como permitir uma maior socialização da comunidade acadêmica de Letras/Língua Portuguesa, teve sua primeira edição em 2017, mais especificamente no período de 13 a 15 de junho de 2017, com o tema central: *Linguagens e Literaturas Intercruzadas: Diversidade e Ensino*, sua segunda edição foi de 13 a 15 de junho de 2018, com o tema *Resistência, memória e linguagem na Amazônia*; nesta terceira edição, o III ENCLET discute apresenta o tema “Encontros, memórias e perspectivas: tecendo história por meio das LETRAS”, com o objetivo de contribuir com desenvolvimento científico e tecnológico desta região do baixo Tocantins, em cumprimento à sua missão institucional, que é a de melhorar a qualificação profissional dos profissionais da educação do Estado. Assim, pudemos tratar da tessitura das nossas histórias por meio das Letras, reafirmando nosso compromisso de formação na área da Linguística, Ensino-aprendizagem e Literatura, tanto em relação à teoria quanto à prática, resultantes de nossas ações na instituição a partir do ensino, pesquisa e extensão do conhecimento.

Essa tessitura começou no ano de 1987, quando as grandes navegações do saber chegam a Cametá. A tão grandiosa e imponente Universidade Federal do Pará sai da capital para navegar por rios nunca antes navegados pelos saberes acadêmicos científicos, dessas memórias registramos que o Curso de Letras do Campus Universi-

tário do Tocantins/Cametá surge com o Projeto de Interiorização da UFPA na década de 1980, quando o referido Campus foi implantado. Inicialmente funcionou somente no período intervalar com apenas uma turma, tendo sido totalmente executado com professores oriundos do Campus do Guamá – Belém, somente no ano 2000 foi ofertada a primeira turma no regime extensivo.

As turmas de Letras/Língua Portuguesa sempre apresentaram dinamismo na militância acadêmica desenvolveram trabalhos voltados para aspectos da variação dialetal da Microrregião Cametá, tanto no que se refere a questões linguísticas quanto literárias e as de ensino, realizando propostas de intervenção para o ensino da Língua Portuguesa.

Assim, consideramos muito oportuna uma obra voltada à Comemoração dos 35 anos do Curso de Letras na Amazônia Tocantina, que compila textos resultantes do conhecimento construído no calor da sala de aula e reflete os saberes da nossa cultura científica e sociocultural. Desejamos a todos uma boa leitura e uma excelente reflexão dos textos que ora apresentamos.

Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa
Larissa Costa Arrais
Luis de Nazaré Viana Valente

Sumário

Transporte escolar: uma análise das condições do acesso de alunos a escolas ribeirinhas no município de Cametá (PA)	11
Dalcídio Jurandir, o cronista de <i>Diretrizes</i>	19
A arte como função social presente na reportagem e no romance dalcidiano	27
Linguagem e trabalho no interior de comunidades ribeirinhas: saberes languageiros associados ao mundo do trabalho	35
<i>Desarranjos e invencionices</i> da geo-poesia de Manoel de Barros na linguagem: derivas cartográficas em educação	49
O perfil leitor dos professores do município de Cametá: uma amostragem	61
Modalidade epistêmica dubitativa na construção da polidez linguística em conversações de mocajubenses	67
O apagamento do fonema /r/ em coda silábica a fala de moradores do bairro Nova Cametá (Cametá-PA)	99
As concepções de avaliação escolar em língua portuguesa: uma análise a partir do discurso docente	133
Ensino-aprendizagem do português com o retorno das aulas presenciais no 8º Ano da Escola Abel Figueiredo	171

A arte como função social presente na reportagem e no romance dalcidiano

Gissandra Diovana Dias Teixeira¹

Ivone dos Santos Veloso²

É preciso criar a necessidade de se ver num quadro, de se ouvir música, de se ler um livro como se tem necessidade de comer, de vestir-se, de completar a nossa vida. Por isso devemos cada vez mais nos aproximar do povo (JURANDIR, 1943, p. 7)

Introdução

O escritor Dalcídio Jurandir é notadamente conhecido por sua produção romanesca. Desenvolvida em 10 obras escritas ao longo de quase 40 anos, os romances dalcidianos apresentam-nos a história de personagens que habitam o interior da Amazônia paraense, e têm suas narrativas desenvolvidas por intermédio da escrita de Jurandir.

Contudo, deve-se ressaltar que, a produção dalcidiana não se limitou ao trabalho como literato, visto que paralelo ao ofício de escritor, Dalcídio Jurandir também atuou como jornalista no estado do Pará e Rio de Janeiro. No Pará colaborou com o periódico *O Estado do Pará*, e escreveu para as revistas: *Escola*, *Novidade*, *Terra Imatura* e *A Semana*. Para a imprensa carioca contribuiu com jornais e revistas, entre esses: *O Radical* (1942), *Diretrizes* (1942-1944), *Correio da Manhã* (1944), *Diário de Notícias* (1944), revista *Leitura* (1944), dentre outros.

Com base nas trajetórias como jornalista e romancista empreendidas por Dalcídio Jurandir, este estudo focaliza a atenção em

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: gissandrateixeira@gmail.com

² Universidade Federal do Pará (UFPA)- Campus Cametá. E-mail: ivonevel@ufpa.br

como o escritor marajoara aborda a questão da arte como função social no texto jornalístico e no romance de sua autoria.

Para tanto, a pesquisa focalizará no trabalho de Dalcídio Jurandir como repórter da revista *Diretrizes* (1942-1944), por intermédio da reportagem intitulada: *Segall, a arte pura e o homem do Povo*, publicada em 10 de junho de 1943. Busca-se então, relacionar este texto jornalístico com elementos destacados no romance dalcidiano *Três casas e um rio* (1958), terceira obra do projeto literário conhecido por *Ciclo Extremo Norte*, que segue narrando as vivências do menino Alfredo e demais moradores da vila de Cachoeira do Arari.

Por meio da análise da reportagem e do romance, busca-se evidenciar de que forma Dalcídio Jurandir pensa a arte em uma perspectiva humana e social, e sobretudo, voltada para o povo, aqueles que constantemente por diversos fatores encontram-se mais distantes de contemplar o fazer artístico.

Metodologia

Quanto à metodologia adotada, esta trata-se de uma pesquisa de cunho *qualitativo*, que se volta para estudar elementos da produção jornalística e romanesca do escritor Dalcídio Jurandir. Os métodos de investigação utilizados foram o bibliográfico e documental.

Por tratar-se de um estudo com base bibliográfica Antônio Carlos Gil (2008) destaca que este tipo de pesquisa se desenvolve a partir de material já elaborado, ou dito de outra forma, por meio de estudos realizados por outros pesquisadores da área.

A respeito do método documental utilizado Gil destaca que:

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008, p. 51).

Dessa maneira, o que diferencia a pesquisa documental do método bibliográfico é uso das fontes exploradas. Nesse caso, uti-

lizou-se o método documental para a coleta e análise de dados por meio do uso de uma catalogação organizada anteriormente pela professora Marli Furtado juntamente com os membros do projeto de pesquisa, Dalcídio Jurandir e o realismo socialista. Nesta catalogação encontra-se a reportagem analisada, o que justifica o uso de fontes de ordem secundária.

Para a coleta dos dados também foi necessário o uso de fontes de ordem primária, visto que a reportagem foi localizada ainda na Hemeroteca Digital Brasileira, conhecido portal de periódicos que possibilita a consulta de documentos diretamente na internet. A etapa de análise dos dados, permitiu comparar elementos na reportagem e em partes do texto literário, de modo a se constatar que estes em alguma medida se aproximam.

Para embasar esta investigação, tomou-se como arcabouço teórico Furtado (2010), responsável por organizar a compilação de textos jornalísticos dalcidianos. Além disso, utilizou-se ainda os estudos de Furtado e Santos (2016) que destacam como o escritor marajoara se dedicava a escrever sobre questões artísticas.

Com respeito a análise do romance, utilizou-se como base Jurandir (1994), o que possibilitou observar que mesmo na escrita literária, Dalcídio Jurandir demonstrava preocupação com a falta oportunidades que propiciassem a aproximação entre a arte e o povo, como destacado neste artigo.

A arte como função social na reportagem e no romance dalcidiano Resultados

Publicada nas páginas da revista *Diretrizes* em 10 de junho de 1943, a reportagem *Segall, a arte pura e o homem do povo*, enfatiza a preocupação de Dalcídio Jurandir, em tratar de assuntos relacionados a questão da arte. Na ocasião da reportagem, Dalcídio Jurandir entrevistou o pintor modernista Lasar Segall, artista de origem judaica que, em julho de 1937, em Munique na Alemanha, teve sua obra exibida como parte da exposição conhecida como a arte degenerada, isto porque, as obras de arte expostas no local, haviam sido confiscadas por Hitler, ao serem consideradas um ataque a moral e ao espírito de perfeição alemã.

Entre as obras apreendidas neste período de perseguição a arte moderna, estavam vários quadros de Segall, consideradas um exemplo de manifestação artística condenada pelo regime nazista. Sem dúvida, o interesse investigativo de Jurandir em trazer à tona esta temática, mesmo vivo em tempos de perseguição, exteriorizam a inclinação do repórter, por assuntos de natureza artística e social. Para Furtado e Santos:

Verifica-se que os assuntos discutidos por Dalcídio Jurandir nos periódicos são voltados para diversas questões do contexto social observado pelo jornalista que também fez reportagem como resultado de entrevista com o pintor Lasar Segall, revelando-se, assim, não apenas crítico literário, como também crítico de arte. (FURTADO; SANTOS, 2016, p. 2-3)

Partindo dessa perspectiva, é perceptível que Dalcídio Jurandir manifesta sua visão de crítico de arte ao escrever sobre a exposição de Lasar Segall. Além do mais, na reportagem, Jurandir evidencia o que defende como concepção de arte como função social, conceito que aparece em outras matérias de sua autoria. Sobre o que viu na exposição o jornalista escreveu que:

Os homens do povo poderiam logo de início, e isso é tão explicável por sua falta de cultura, deixar de compreender a arte aparentemente difícil de Segall. Entretanto Segall representa um dos nossos instantes, uma época que adquiri uma significação social mais rica e mais evidente. Uma natureza morta, uma gravura, uma “alma” de Segall interessam o homem do povo, ficam na sua consciência, vão falar, como um acontecimento quotidiano, às inquietações, às ansiedades de um homem que sai de sua fábrica ou de sua usina e ousa penetrar a Escola de Belas Artes para ver timidamente, um “Progrom”, um “Navio de Emigrantes”, uma água forte, uma “cabeça de mulher” do grande artista moderno. Um dia esse encontro será mais justo e mais duradouro: o da pintura de Segall com os homens das fábricas e usinas, o verdadeiro encontro do homem comum, sem preconceitos, inocente e mais apto, em certas vezes, a amar um artista não só de seu tempo como de todos os tempos. (JURANDIR, 1943, p. 6).

Como visto, o repórter de Diretrizes defende a arte exposta por Segall, explicando que esta arte adquire uma significação social,

principalmente, porque se volta para os homens do povo, a quem pela falta de acesso à cultura, seria compreensível o não entendimento do trabalho do artista. No entanto, o escritor ressalta o poder transformador que a arte exerce sobre o povo, capaz de despertar suas inquietações e seus anseios antes adormecidos.

Para o repórter, a arte de Segall um dia invadirá às fábricas e às usinas, em buscas das grandes massas. Conclui o posicionamento, afirmando que este encontro deverá ser duradouro, como deveria ser todo encontro entre artista e povo, para quem a arte é de direito, pois esta quando se aproxima do povo assume sua função social.

Dalcídio Jurandir, na publicação, também descreve as sensações e os sentidos que a arte desperta em seu espírito de repórter, demonstrando apreço por tais manifestações as quais considera aptas de dominar até mesmo o mero espectador:

Há decerto uma humanidade nos quadros e outros trabalhos de Segall que não nos domina, de pronto, não nos toca de súbito, inteiramente. Esse domínio vem lento e nos faz conhecer e amar o que há de nós e de eterno naqueles tons, naquelas cores postas tão a fundo, daquele universo, enfim, que parece isolado e é, no entanto, o mundo comum, os mesmos homens, a mesma terra, os mesmos animais que vemos sempre, com quem vivemos. Entretanto, a arte lhes deu a pureza que só ela possui, a realidade que não sabíamos, que agora nos envolve e nos surpreende. Em muitos trabalhos de Segall, em muitos quadros, a sensação de repouso, de tranquilidade parece indicar uma fuga, um isolamento que o pintor preferiria para os seus seres, os seus sonhos, as suas “almas”. (JURANDIR, 1943, p. 7).

As palavras de Dalcídio Jurandir indicam que há humanidade nos quadros de Segall, para além disso, há algo que envolve e domina lentamente quem a contempla, pois, embora retrate o mundo comum, traz ao mesmo tempo um acolhimento que não existe no mundo, uma sensação de refúgio da realidade. Para o repórter a arte por si só basta, não porque elimina o sentido de utilidade ou de imediatismo, pelo contrário, a arte de Segall é pura porque inclui e sugere os dramas e os problemas comuns naqueles tempos, isto é, a “arte perfeitamente social, portanto a de Lasar Segall, feita no nosso tempo, criada pelos atuais acontecimentos” (JURANDIR, 1943, p. 7).

Igualmente, no romance *Três casas e um rio* (1958), são tecidas questões a respeito da arte, por meio do personagem Raul. O jovem que sonha em se tornar um grande pintor, mas, para sobreviver, pinta tabuletas e cruzeiros que enfeitam os túmulos dos mortos que chegam ao cemitério local. A responsabilidade de cuidar dos pais doentes e das irmãs distancia Raul da tentativa de tornar-se o artista que almejava ser. No seguinte trecho do romance, observa-se Raul refletir sobre o distanciamento entre a arte dita erudita e a arte popular:

O próprio major Alberto, sempre em dúvida a respeito dos valores locais, mandou uma vez chamar o pintor na Intendência. Por instâncias de d. Amélia, encomendou uma cruz nova para Eutanázio. Levou Raul ao chalé onde lhe mostrou catálogos de tintas, quadros e pincéis. A propósito da Itália, citou no país da arte, de Blasco Ibanez e representou na varanda a cena em que Miguel Ângelo, na Capela Sixtina, pintando o Juízo Final, proibia a entrada do papa. Foi um dia de satisfação, mas, também, de insatisfações para Raul. Recolheu ao casebre com um suspiro: “Nós, os pobres, poderemos saber as coisas? Poderemos estudar o ofício que a gente escolher, que a natureza nos deu?”. Cachoeira estava tão longe da Itália, da arte. (JURANDIR, 1994, p. 21.)

O fragmento em questão retrata os pensamentos de Raul a respeito da falta de oportunidade para desenvolver a própria arte de pintor. Os grandes artistas e as grandes obras pareciam, em sua percepção, tão distantes da realidade da vila de Cachoeira. Ser um artista, no caso daquele pobre jovem, parecia algo impossível. Em outro episódio, desse mesmo romance, surge outra questão relacionada à função social da arte. Na ocasião mencionada, Doutor Lustosa, fazendeiro local, pede ao jovem Raul que pinte algumas tabuletas proibindo o povo de tirar lenha ou andar nos campos que pertenciam a ele. Mesmo sendo pobre e vivendo da pintura, Raul se recusa a aceitar a encomenda:

Lustosa falou que necessitava de novas tabuletas, havia comprado novas terras, estendendo a propriedade. Novas tabuletas para evitar as invasões [...] Mas, sim, me deixa contar: e eu disse ao dr. Lustosa que não podia mais pintar as tabuletas. “Ando ocupado. Mesmo o doutor paga pouco”. Então foi um espanto, um quase assombro de Lustosa, continuou o pintor. O fazendeiro

lamentou-se, fez-se vítima repetindo: isto é que é, onde já se viu, onde já se viu, pago pouco! Não estava dando trabalho a ele, Raul? E vens me dizer que pago pouco, filho de Deus. Eu que poderia ter trazido as tabuletas de Belém a bem dizer de graça. Onde já se viu artistas discutindo preços! Tens aí um dom e não aproveitas, não sabes... Como é bem o ditado? Deus dá asas... Ah. (JURANDIR, 1994, p. 23).

Por meio da recusa de Raul em pintar as novas tabuletas, percebe-se que, mesmo não possuindo estudo que o formasse um grande artista, sua atitude de se negar a pintar tabuletas com ordens que restringissem a liberdade do povo, incorpora ao personagem dalcídiano elementos que revelam a concepção de arte mencionada por Dalcídio Jurandir, nesse caso, o fazer artístico voltado para o povo. Segundo esta concepção, uma das condições para a independência e o valor da arte é o caráter e a personalidade do artista.

Desse modo, Raul demonstrou que como artista o papel de sua arte era de aproximar-se do povo, e não fazer dela instrumento de opressão dos menos favorecidos. A atitude do personagem vincula-se, ainda, à ideia de arte como direito do povo, assim como também a importância de valorizar a arte, aspectos bastante evidenciados na reportagem de Dalcídio Jurandir. Assim, como observou-se na reportagem e no romance, não basta apenas pintar belos quadros ou produzir belas esculturas, é necessário também lutar ao lado do povo demonstrando que a arte tem um valor social.

Conclusão

Por meio deste artigo demonstramos como o repórter e escritor Dalcídio Jurandir aborda a arte como função social na reportagem intitulada *Segall, a arte pura e o homem do povo* e por intermédio do romance *Três casas e um rio* (1958).

A análise da reportagem evidenciou que para Dalcídio Jurandir a arte assume função social quando se volta para o povo, nesse sentido quando ocorre essa aproximação é que a arte assume também uma espécie de função humana dado ao seu grande poder transformador. Este valor social artístico, conforme destacou Jurandir, era evidente na produção do artista Lasar Segall.

Ao mesmo tempo, no romance *Três casas e um rio* (1958) Dalcídio Jurandir também aponta e critica o distanciamento existente entre arte e povo através do personagem Raul e das dificuldades que o impediam de tornar-se um grande artista como desejava. Contudo nota-se que em alguma medida esse distanciamento vai sendo vencido na narrativa, visto que, embora Raul não possuísse grande conhecimento que o tornasse um artista, sua tentativa de aproximar e tornar a arte acessível e não um objeto de opressão, reforça a ideia defendida por Dalcídio Jurandir de arte como função social como vimos em sua escrita como repórter e em seu trabalho como romancista.

REFERÊNCIAS

FURTADO, M. T.; SANTOS, J. G. Dalcídio Jurandir, o jornalista: uma análise dos textos críticos. *Darandina Revisteletrônica*, Juiz de Fora, v. 9, n. 1, 2016.

FURTADO, Marlí Tereza. Dalcídio Jurandir: o repórter, o articulista e o crítico de arte em *Diretrizes* (1942-1943-1944). Belém, 2010. 162-171, no prelo.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas da Pesquisa Social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JURANDIR, Dalcídio. *Segall, a arte pura e o homem do povo*. Acervo digital da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Disponível em: *Diretrizes*. Acesso em: 19 ago. 2020.

_____. *Três casas e um rio*. Belém: CEJUP, 1994.